

Considerações Finais

Esta tese propôs como objetivo mais amplo pensar a relação entre tradução, língua, ideologia e inconsciente, procurando melhor compreender de que forma o sujeito que traduz (sujeito-tradutor) responde a seu processo de sujeição à ideologia, o chamado assujeitamento.

Mostramos que a maior parte dos estudos da tradução desenvolvidos a partir da “virada cultural” concebe o tradutor, e portanto a atividade tradutória, como determinado por contingências sócio-históricas e político-ideológicas, o que colaborou enormemente para que a tradução fosse entendida como um processo complexo que envolve esferas sociais. Contudo, seguindo o caminho proposto por Frota (2000a), pensamos ser necessário aprofundar esses estudos de modo a considerar também a história particular do sujeito-tradutor, a qual envolve o trânsito particular de *um* sujeito entre os elementos estruturais da linguagem.

Este trabalho, então, buscou um aparato teórico-conceitual que permitisse aprofundar tanto as propostas de base culturalista da área da tradução quanto a abordagem de Frota (2000a), fundamentada na psicanálise, tomando a tradução como uma atividade que resulta de um movimento de sentidos advindo da imbricação entre ideologia, língua e inconsciente. A partir dessa relação, propusemo-nos entender como *um* sujeito (tradutor) pode responder ao seu processo de sujeição à ideologia a partir de sua história particular; ou seja, como *um* sujeito-tradutor pode responder ao seu processo de assujeitamento ideológico, seja na forma da repetição de valores – o que denominamos *assimilação* – ou na da subversão dos mesmos – o que denominamos *resistência*. É importante ressaltar que os conceitos de assimilação e resistência não são propostos nesta tese dicotomicamente, mas de modo a considerar as tensões existentes nos movimentos de sentidos, as quais marcam o caráter contraditório do sujeito e do discurso.

A investigação dos processos de tomada de posição do sujeito na dispersão discursiva aponta para a percepção de que as filiações ideológicas (des)conhecidas do sujeito são motivadas na/pela relação entre a historicidade do dizer e a

singularidade do sujeito, possível nesta tese pelo entrelaçamento entre a Análise do Discurso francesa de Michel Pêcheux (AD) e a proposta da *singularidade* de Frota (2000a).¹⁰⁷

Diante de uma série de indagações, o arcabouço teórico da Análise do Discurso francesa tal como concebido por Michel Pêcheux (1975) e desenvolvido por seus seguidores constituiu a base conceitual com que tentamos melhor compreender as instâncias do assujeitamento do sujeito-tradutor. A escolha pela AD se deu basicamente por duas razões. A primeira, por ter relação indireta com os estudos de Lawrence Venuti (1986), um dos mais importantes e profícuos teóricos dos Estudos da Tradução, cujos parâmetros têm definido uma vasta produção de trabalhos acadêmicos na área. Conforme abordado, as reflexões de Venuti, principalmente no texto “A invisibilidade do tradutor” ([1986]1995a), se baseiam no materialismo histórico de Marx tal como reelaborado por Althusser (1970). Os mesmos pensadores estão na base das formulações da Análise do Discurso francesa de Michel Pêcheux (1975), o que nos permite afirmar que, de alguma maneira, a confluência dos Estudos da Tradução com a AD já estava sugerida, mas não desenvolvida, nesse texto venutiano. Entretanto, como pudemos mostrar, há semelhanças, mas também diferenças na maneira como os conceitos são abordados nos Estudos da Tradução e na AD.

A segunda razão para a escolha da AD tem relação com o discurso, sua principal categoria de análise; o conceito de “efeito de sentidos” entre interlocutores consegue sustentar a determinação social dos dizeres, porém abrindo margem para a singularidade ao afirmar que não há um assujeitamento sem falhas. Desse modo, a AD é uma teoria que propõe o funcionamento ideologia-língua-inconsciente, considerando que inconsciente e ideologia inscrevem o sujeito na historicidade do dizer – o interdiscurso; ou seja, ambos apontam para a possibilidade de o sujeito (se) simbolizar, sendo esse ritual propenso a falhas, pontos em que o sujeito “escorrega” na historicidade do dizer, e, com isso, colabora na/para a transformação dos sentidos.

¹⁰⁷ Algumas das observações feitas pelos examinadores desta tese durante a defesa realizada em agosto de 2010 foram incorporadas às considerações finais. Entre as contribuições desta pesquisa apontadas pela professora Bethania Mariani estão a não dicotomização dos conceitos de assimilação e resistência propostos e a articulação entre a AD e os estudos de Frota (2000a), essencial para a discussão da categoria de sujeito apresentada, a qual, neste trabalho, alia o social e o singular.

Defendemos, portanto, ser a AD o campo teórico que pode colaborar na construção de uma resposta à nossa principal pergunta nesta tese: qual a margem de liberdade de *um* sujeito-tradutor socialmente constituído para atuar nas próprias esferas de sua constituição? A partir da AD e dos estudos de Frota (2000a), compreendemos essa margem de liberdade como algo que acontece na/pela ideologia, ou seja, nos espaços das formações ideológicas e suas respectivas formações discursivas, e na/pela atuação da história particular do sujeito no movimento dos sentidos. Por esse caminho, conseguimos perceber movimentos singulares do sujeito na/pela língua sem recairmos em uma visão subjetivista do sujeito, suposto como origem do seu dizer e capaz de controlar tudo o que diz. Em outras palavras, esta tese propõe abordar a mobilidade dos sentidos a partir da relação entre historicidade do dizer e singularidade do sujeito e, por essa razão, a articulação proposta interessa ao campo dos estudos da tradução.

Dentre os conceitos da AD mais produtivos para nossa investigação, destacamos os de *assujeitamento*, *interpelação ideológica*, *discurso*, *formação ideológica*, *formação discursiva heterogênea*, *forma-sujeito fragmentada*, *posição-sujeito*, *identificação*, *contra-identificação* e *desidentificação*, sendo os três últimos os que estão diretamente associados ao nosso objetivo mais específico, o de reconhecer os processos de assimilação e resistência trazidos pela teoria venutiana.

A AD propõe a categoria de discurso no intuito de dar conta do funcionamento da ideologia e, nesse sentido, entender como acontece a determinação do sujeito pela exterioridade ideológica. Porém, a exterioridade da ideologia não é vista como algo que está fora do sujeito e que, portanto, *interfere* no seu dizer. Para a AD, a exterioridade é *constitutiva*, ou seja, ela *constitui* os sujeitos e os discursos pelo processo de interpelação ideológica, na proposta do assujeitamento. A AD propõe o assujeitamento não como processo em que o sujeito apenas reflete as condicionantes sócio-históricas e político-ideológicas de seu tempo e espaço, como a proposta de Venuti dá margem a se pensar, mas como o movimento de interpelação ideológica em que o sujeito empírico se *torna* sujeito de linguagem e sujeito da história. Pelo assujeitamento, o “indivíduo” (aqui pensado como “a massa de carne” que pelo simbólico se reconhece uno, indiviso) é tomado pela língua e torna-se sujeito; em outras palavras, pelo simbólico o indivíduo se *constitui* como sujeito. Desse modo, a AD alcança uma

alternativa à noção subjetivista de sujeito. Além disso, vale reênfatizar que é na língua e por meio da língua que o sujeito acessa sua realidade, sendo a noção de contexto em AD revista, propondo a ideologia não como algo que está fora do sujeito e que influencia suas ações: a ideologia constitui o discurso e o sujeito, sendo que as circunstâncias da enunciação e o “contexto” sócio-histórico e político-ideológico materializam-se na língua, sem que o sujeito tenha acesso direto a esse funcionamento. É desse modo, segundo Pêcheux, que sabemos o que são os termos “operário”, “soldado”, “tradução”, “interpretação”, por exemplo. As palavras somente têm sentido a partir da interpelação ideológica, pela qual o sujeito está assujeitado à ideologia a partir das formações ideológicas – FIs – e de suas respectivas formações discursivas – FDs.

Retomando Caldas (2009), traduzir *racism* e *racist* pelos cognatos “racismo” e “racista” consiste em um processo discursivo que evoca FDs em português que não têm a mesma historicidade das formas em inglês (p. 32). Desse modo, ao dizer “racismo”, o sujeito-tradutor já foi interpelado, mesmo que não se dê conta disso. Pensar nesse processo como determinado apenas pela ideologia limita a margem de “liberdade” do sujeito, ou seja, desconsidera que o sentido poderia ter sido outro (o tradutor poderia ter produzido uma formulação diferente a partir de sua história particular, mas não o fez pelo processo de tomada de posição na forma da identificação com o interdiscurso de uma FD que “diz” para o tradutor que *racism* e “racismo” são idênticos, apagando a diferença constitutiva).

As FIs são entendidas pela AD como um gama complexa de atitudes, valores, representações etc. que se relacionam com as posições de classe, as quais, pelo materialismo histórico, sabemos serem conflitantes. As formações discursivas representam a manifestação das FIs em uma situação de enunciação. Dessa forma, a FD é a matriz de sentido que regula o que pode e deve ser dito (e como vimos, o que não pode e não deve ser dito, já que a FD comporta a contradição). Este raciocínio nos permite entender que o sentido não está nas palavras; as palavras, expressões e proposições só têm sentido a partir das posições (de sujeito) tomadas no espaço das FDs e, portanto, em referência às FIs nas quais se inscrevem essas posições. Desse modo, ao transitar pelas diferentes FDs (e pelas diferentes posições no espaço de uma mesma FD, que é heterogênea), os sujeitos transitam por diferentes matrizes de sentido que fazem

com que uma suposta mesma palavra, proposição, expressão mude de sentido de acordo com a posição de sujeito tomada dentro de uma ou outra FD. Nesse movimento, o sujeito sabe, mas não sabe que sabe, o processo de sua sujeição; daí se falar, em AD, no processo de (des)conhecimento.

Outra questão levantada pela AD e que a coloca como aparato teórico privilegiado para a compreensão dos processos linguísticos como produto da imbricação entre as esferas sociais e particulares é a consideração da falha no processo de interpelação ideológica. Essa falha não tem caráter negativo; o equívoco é constitutivo do sujeito e do discurso; “é a marca de resistência que afeta a regularidade do sistema da língua”, esta considerada como sistema não homogêneo e aberto (Ferreira, 2005, p.14). É pela falha no funcionamento da interpelação que se abre espaço para a singularidade e para que todo enunciado possa ser outro, sendo que seu sentido não pode ser qualquer um, já que há a tomada de posição em um complexo de FDs. A relação do sujeito se dá pela tomada de posição do sujeito do discurso no espaço da FD que o constitui. Essa tomada de posição tem lugar pela forma-sujeito da FD (sujeito do saber, sujeito universal ou Sujeito) que constitui o sujeito; em outras palavras, tem lugar pelo movimento de identificação (ou não) do sujeito com a posição-sujeito dominante (ou dissidente) que organiza os dizeres da FD na forma do interdiscurso (memória do dizer). O interdiscurso compreende o já-dito do discurso, o repetível, que “fala” no sujeito sem que ele se dê conta. A posição-sujeito, portanto, é resultado de uma relação do sujeito do discurso com a forma-sujeito de uma FD, relação essa que passa também pelo funcionamento do inconsciente. Desse modo, o sujeito empírico, ao dizer, se dispersa em várias posições-sujeito, que estão relacionadas com o complexo de FDs, as quais, por sua vez, são materialidade das FIs.

Ainda sobre as FDs, seguimos o caminho proposto por Indursky (2000), com base em Courtine (1981,1982), ao considerar que as FDs não são homogêneas e têm fronteiras porosas, entrecruzando-se com outras FDs. Desse modo, segundo Pêcheux (1975), o movimento do sujeito do discurso pelas/nas FDs pode se dar de três formas: i) *identificação*, quando há sobreposição entre o sujeito do discurso e a forma-sujeito (ou posição-sujeito dominante de uma FD heterogênea), espaço em que há a repetição de discursos sedimentados (o interdiscurso trabalha a favor de si); ii) *contra-identificação*, quando o sujeito do

discurso se identifica com uma posição dissidente da posição-sujeito dominante da FD que o domina (o interdiscurso trabalha contra si), mas não há alteração na maneira como a forma-sujeito organiza a referida FD; e iii) *desidentificação*, quando a contra-identificação do sujeito do discurso tem força para alterar a forma como o sujeito universal da FD a organiza; é o funcionamento às avessas, no qual não há desassujeitamento, é importante dizer, mas há deslocamento, ou seja, há transformação dos sentidos.

Nesta tese, diferentemente do que foi proposto por Venuti, apresentamos a resistência não como uma estratégia de tradução em que o tradutor escolhe deliberadamente dar visibilidade à tradução e a si por meio da preservação da alteridade do texto-fonte; tomamos o termo “resistência” em relação aos dois últimos movimentos propostos na AD – contra-identificação e desidentificação. Desse modo, *resistência* é um conceito que se refere à luta (des)conhecida do tradutor ao se constituir como sujeito-tradutor no processo discursivo da tradução. A *resistência* na qual acreditamos, portanto, não tem relação com uma escolha supostamente livre do tradutor, uma vez que, estando assujeitado à ideologia e ao inconsciente, ele não é origem do seu dizer (fazer a tradução). Por outro lado, propomos o termo *assimilação* com referência ao processo de identificação, no qual o sujeito repete o já-dito do interdiscurso.

Como dispositivo analítico, investigamos processos discursivos de Monteiro Lobato, importante intelectual no cenário literário brasileiro e, em particular, no que se refere à tradução. Para tanto, procuramos mostrar como o sujeito Lobato respondeu ao seu processo de assujeitamento tanto na sua “teorização” (aqui usado entre aspas por ele não ter organizado suas reflexões em textos teóricos, mas ainda assim ter construído todo um pensamento sobre a atividade tradutória, o qual se encontra disperso no vasto material deixado por ele) quanto na sua prática tradutória.

A partir de nossa proposta de reelaboração dos conceitos de assimilação e resistência com base na abordagem da Análise do Discurso francesa de Michel Pêcheux e também norteados pela proposta da singularidade de Frota, procuramos demonstrar como a história particular *desse* sujeito-tradutor tem lugar nos movimentos de tomada de posição no discurso, bem como de que maneira esse sujeito é constituído pela Ideologia. Em outras palavras: procuramos mostrar como singularidade e historicidade estão interligados no processo de produção de

discursos da/sobre e na prática da tradução. Ao mesmo tempo, salientamos a importância de se considerar a falha como constitutiva do sujeito e do discurso, mostrando que o sujeito-tradutor Lobato oscilava entre posições contraditórias, dependendo da posição de sujeito tomada a partir de sua história particular no complexo das formações discursivas.

Tendo partido de uma pesquisa iniciada em 2002 na Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), esta tese apresenta uma continuidade ao aprofundar questões anteriormente discutidas e propor novas reflexões, como a articulação entre os Estudos da Tradução, a Análise do Discurso francesa de Pêcheux, a Psicanálise e os estudos sobre a vida e a obra de Monteiro Lobato, contribuindo, dessa forma, para o estabelecimento de um discurso interdisciplinar que evidencia, entre outras coisas, o próprio caráter multidisciplinar dos Estudos da Tradução. Ao buscar o diálogo entre o campo dos Estudos da Tradução e o da Análise do Discurso francesa, esta pesquisa também fomentou o diálogo interinstitucional, uma vez que, durante a realização da tese, foi mantida uma constante comunicação entre alunos de pós-graduação e professores da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e da Universidade Federal Fluminense (UFF)¹⁰⁸.

Outra relevante contribuição deste trabalho é ter aprofundando e evidenciado o papel significativo de Monteiro Lobato na formação de um público-leitor infanto-juvenil, na busca e valorização da língua do Brasil, no desenvolvimento da indústria editorial brasileira, no desenvolvimento e profissionalização da tradução no Brasil, na realização de traduções intralinguais e na inserção social do tradutor e escritor no âmbito nacional. Ao abordar tais questões, esta tese colabora para a construção de uma historiografia da literatura e da tradução no Brasil. Além disso, a pesquisa resgata textos e metáforas de autoria de Lobato a respeito da atividade tradutória que permaneciam desconhecidos no escopo dos Estudos da Tradução bem como analisa sob novo prisma outros textos e metáforas estudados anteriormente. Ao propor a AD para

¹⁰⁸ Para a realização da tese, entre outras coisas, a autora participou do grupo de discussão sobre AD da UFF, organizado e coordenado por Bethania Mariani, e o qual é constituído por professores e alunos de pós-graduação da UFF, PUC-Rio e UERJ, para citar algumas das instituições envolvidas. Além disso, foi mantido um estreito contato entre a autora da tese e as professoras Maria Paula Frota (PUC-Rio), Maria Clara Castellões de Oliveira (UFJF), Bethania Mariani (UFF) e Beatriz Caldas (à época doutoranda do programa de pós-graduação em Letras da UFF).

compreender a tradução, a tese também amplia o olhar sobre o pensamento e a prática tradutórios de Monteiro Lobato, preenchendo espaços que não foram contemplados por outras teorias e investigações. Este trabalho, ainda, propõe novas perspectivas para pesquisas futuras, algumas delas instigadas por questionamentos que contradizem posicionamentos acerca da prática tradutória de Monteiro Lobato. Entre elas, destaca-se a proposta da comparação entre as estratégias tradutórias empregadas por Lobato na produção de traduções para o público-leitor infanto-juvenil e aquelas para a realização das traduções direcionadas para o público adulto.¹⁰⁹

Finalmente, cabe ressaltar que há muito a fazer para nos aproximarmos ainda mais da relação entre singularidade e historicidade. O mesmo se pode dizer em relação à confluência entre os campos da Análise do Discurso francesa e dos Estudos da Tradução, a qual já começou a ser construída por estudiosas como Solange Mittman (2003) e Beatriz Caldas (2009). Acreditamos ter conseguido somar a tais estudos novos pontos em que os dois campos podem (e devem) se tocar, assim propiciando um avanço na compreensão do complexo jogo da tradução. Nesse jogo, as esferas sociais e singulares se encontram a partir do texto a ser traduzido: uma suposta fonte anunciada – suposta por não ser possível dominar os sentidos. Estes se dão no processo da interpretação, o qual está ligado, como exposto, à imbricação entre a história particular de *um* sujeito e a Ideologia, tomada a partir de determinadas condições de produção.

¹⁰⁹ Conforme abordado na nota anterior, algumas das observações feitas pelos examinadores desta tese durante a defesa realizada em agosto de 2010 foram incorporadas às estas considerações finais. No caso deste parágrafo, tomamos como base as considerações realizadas por Maria Clara Castellões de Oliveira.